



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A ERA e o MURO

|| Por FELIX COSTA VENTURA ||
Desenhos de A. CASTAÑE ||

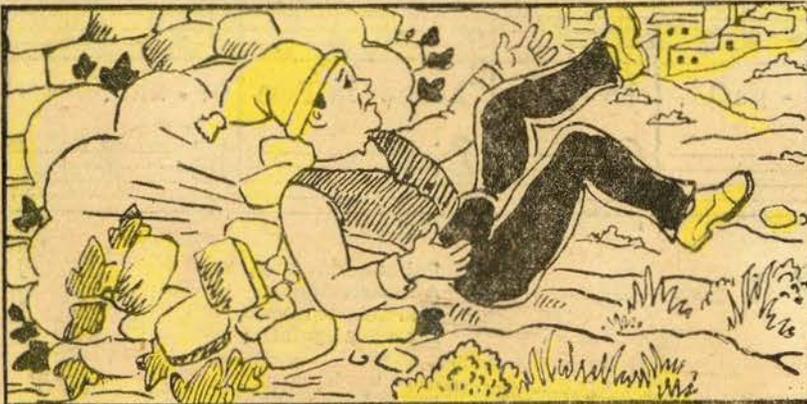
Foi uma cousa espantosa,
que muito deu que falar:
a Dona Era orgulhosa
qu'rer pelo muro trepar.

Mas o muro, que era torto,
acabou por declarar
que era já velho, que a era
fôsse para outro lugar.

Palavra puxa palavra...
põem-se os dois a brigar...
Teimosias, desta forma,
não podem bem acabar.

Ora um dia, um camponês,
cansado de trabalhar
e com calor, vendo o muro,
foi-se ao pé dele sentar.

Porém, a forte pressão
que exerceu o camponês
ao sentar-se contra o muro,
fê-lo ruir duma vez.



E, então, a era orgulhosa,
que estava ao sol descansada,
teve uma sorte bem triste:
— ficou toda esborrachada!

Meninos: — as teimosias
dão sempre máus resultados;
haja em vistas a era e o muro
que foram bem castigados.

F I M

CHEGA LÁ, CHEGA !...

HERMINIO DO NASCIMENTO

Devagar.

Quando o Sol se põe Ao fim da tar-di - nha

retardar

Passa á mi-nha por - ta U - ma lei - tei - ri - nha Che - ga lá, Pom -

pp a tempo

bi - nha Che - ga lá, che - ga A va - qui - ta bran - ca

pp

Sem - pre mui man - si - nha Vae an - dan - do, an - dan - do Com a lei - tei -

retardar

ri - nha Che - ga lá, che - ga, Che - ga lá, Pom - bi - nha.

Passam muitas ruas,
De tarde à noitinha,
A vaquita branca
Com a leiteirinha;

— Chega lá, chega...
Chega lá, Pombinha!

Palmilhando ruas,
A rapariguinha,
P'ra animar a vaca,
Diz a cantiguinha:

— Chega lá, chega...
Chega lá, Pombinha!...

Teatro Um a Partida infantil

Por LUIZA E. DA SILVA POMAR

PERSONAGENS:

Helena — de 9 anos
Clarinha — de 7 anos

Milú — de 5 anos
Tia Laura

1.º ACTO CENA 1

Um quarto de brinquedos, no qual se vê inúmera variedade deste género. Sentada, numa cadeira, está Helena lendo, atentamente, um livro. Clarinha, sentada numa almofada, brinca com Milú.

HELENA — (*pondo o livro de lado*) — Com o calor que está nem apetece fazer nada.

CLARINHA — (*rindo*) — Olha... olha... lá está a minha irmã com as suas queixas de calor abrasado... Na verdade, está. Olha, não sabes o que hás-de fazer? Vou dar-te um conselho.

HELENA — Pois, então, desembucha esse conselho, querida maninha.

CLARINHA — (*maliciosa*) — Não sabes o que has-de fazer?! Vai pintar.

HELENA — Pintar com quê, e o quê?

CLARINHA — Ora essa. Então, julgas-me tão má irmã que te não empreste as minhas tintas e os meus livrinhos.

HELENA — (*já contente*) Ah! MUITÍSSIMO obrigada, Clarinha. — Dize-me, agora, onde é que está tódo esse material.

CLARINHA — (*sorrindo*) Olha, deve estar no meu quarto mas, no caso de lá não encontrares, procura pelas casas onde estivémos ontem.

HELENA — (*cantarolando*) Lá, ri, lá, lá!... Cá vou eu!...

CLARINHA — (*depois de ter ido à porta verificar se a irmã já ali não estava*) — Eu enganei a Lena. Disse-lhe que fôsse procurar as tintas quando, afinal, estava tudo aqui. (*Abraçando a irmãzinha*) Minha querida Miluzinha, vamos esconder-nos.

MILÚ — Está bem mas se ela depois se zanga?

CLARINHA — (*rindo do temor da irmã*) Ah, ah... E tu com medo dela. Sempre és muito medrosa. Nunca esperei isso de ti, Milú. Sossega que ela não nos mata.

MILÚ — E se ela faz queixa à Tia?!...

CLARINHA — (*enfastada*) Deixa-a fazer, E eu ralada. Mas olha que ela já aí vem... (*apressadamente*) Tu metes-te debaixo desta cortina e quando eu espirrar, sais daí

debaixo, com as caixas das tintas, e o que eu te dér. Ouviste?

MILÚ — Está bem. E o que é que eu digo?

CLARINHA — (*pensando*) A! É verdade (*batendo com o dedo na testa, como quem acaba de ter uma idéia*). Dizes assim: Como sempre gostei muito das meninas que teem a mania dos calores, tive tanta pena de ti que me resolvi a trazer-te esta caixa para que o calor te não atormente mais. E agora, Milú, não te esqueças disto. Olha é melhor pôres esse lençol por cima de ti (*ensaiando a irmãzita*) pronto, está tudo a postos. Estás muito bem, e, para fingires que és uma fadasinha, toma lá esta varinha de condão (*dá-lhe uma varinha*) Corre lá para o teu lugar...

HELENA — (*entrando*) Olha, Clarinha, eu não encontrei nada do que procurei.

CLARINHA — (*com seriedade*) É que não procuraste bem!

HELENA — (*zangando-se*) Vai tu procurar melhor se és capaz. Naturalmente julgas que estou para te aturar. Pois enganas-te redondamente.

CLARINHA — Para que te zangas? Não merece a pena. Vamos lá procurar as duas de braço dado (*disfarçando*) Parece que me constipei. Atchim!...

MILÚ — (*aparecendo*) Como sempre gostei muito das meninas que teem a mania dos calores, resolvi trazer esta caixa para que o calor te não atormente mais.

HELENA — (*sem perceber a sua intenção*) Ah!... Mas... que é?

MILÚ — (*mostrando-se*) Pronto. Já sabes o que é.

CLARINHA — Minha grande pateta! Pois não vês que isto foi para nos divertirmos ao ver a tua cara.

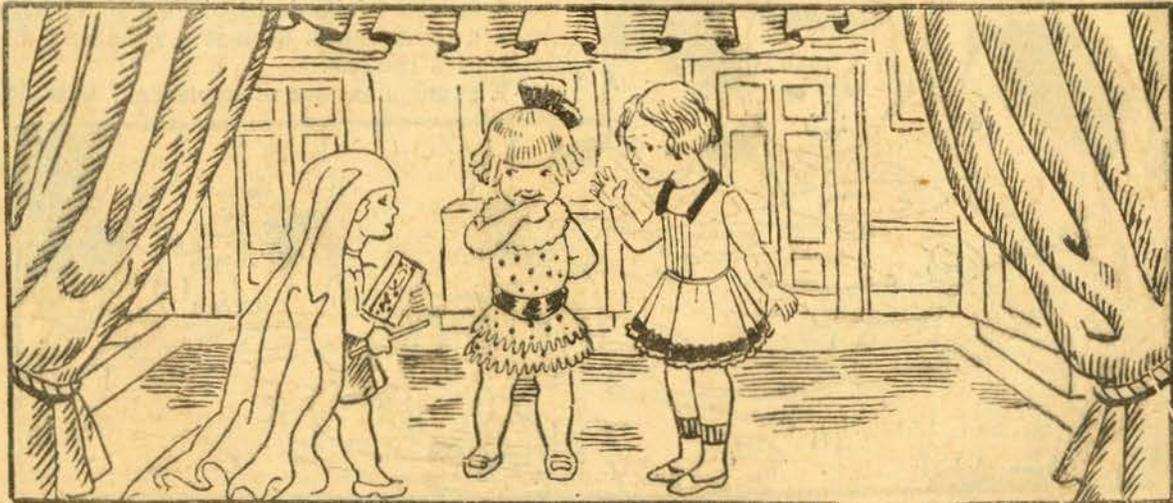
HELENA — Nas como foi isto arranjado?! Que caixa é esta?!

MILÚ — Ó mana, parece que hoje estás parvinhal! A caixa é a da Clarinha.

HELENA — (*cheia de confusão*) Mas, então... eu não a encontrei.

CLARINHA — Não a encontraste porque eu tinha-a aqui. Disse-te para a ires procurar, simplesmente para te pregar uma partida.

(*Continua na página 6*)





O PUDIM MARAVILHOSO

POR ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANÉ

LEMBREI-ME, aqui há tempos, de convidar vários meninos, meus amiguinhos, para uma jantarada, onde seria servido um pudim que tinha dado que fazer a mais de mil homens.

Desculpem não os ter convidado a todos, mas o tal pudim, a-pesar-de ter empregado tanta gente para ser fabricado, não chegava para todos os leitoresinhos do «Pim-Pam-Pum».

Calculavam vocês que o pudim devia ser, pelo menos, do tamanho do Rossio, ou então que este Anão vos pregava uma pêta, grande de mais para um anão tão pequeno!

Também os meus convidados, muito curiosos, aguardavam o aparecimento do anunciado pudim, cheios de alvoroço. E quando, depois da sôpa e dos outros pratos, veio, finalmente, o pudim maravilhoso, ficaram pasmados, por o verem de tamanho regular, e sem nenhuma aparência estranha.

— Então, este é que é o pudim que o amigo anão nos prometeu? — perguntou o Henrique muito espevitado.

— E' este, exactamente! — respondi, com toda a calma.

Como é que nos quer meter na cabeça que,



para fazer este pudinsinho de cá-cá-rá-cá, foram precisos mais de mil homens!

— Come uma talhada dele, amiguinho! Agora pega num papel e num lápis e vamos fazer a conta dos homens que trabalharam para o pudim de cá-cá-rá-cá, como disseste!

— O' senhor Anão, desculpe, eu não quiz ofendê-lo nem ao pudim, mas francamente...

Bem! Bem! Vamos por ordem. Primeiro que tudo para fazer um pudim é preciso farinha; vejam vocês a quantidade de gente que trabalha para a arranjar!

Logo o Joaquim, um outro rapazinho, muito esperto, atalhou:

— A farinha é feita de trigo! Para se ter trigo lava-se a terra, depois deita-se a semente e depois faz-se a colheita.

— E as máquinas que se empregam? O arado,





por exemplo, quantos operários são precisos para o fazer? — indaguei eu.

Foi, ainda, o Joaquim quem respondeu.

— Devem sêr precisos mineiros, ferreiros, lenhadores ou serralheiros, serradores, carpinteiros...

Vai assentando, Henrique, anda! — acudi eu.

E o rapazinho, à lúfa-lúfa, fazia a conta no papel.

— Agora, vamos lá. O couro que serve para os arreios que trabalho não dá a tanta gente e quantos operários para construir os moinhos ou máquinas das fábricas, onde se moi a farinha!

— Ai! que já estou perdido!... exclamou o o Henrique, atrapalhado.

Eu continuei, impassível:

— Agora, tratemos da composição do pudim.

— Tem passas... disse o Joaquim, muito guloso, dando uma dentada na sua fatia.

— E para se arranjam passas, — tornei eu. — colhem-se as uvas... que também têm de ser semeadas, — concluiu o Augusto, muito cheio de si, por poder meter a colherada.

— São precisos ovos... — que põem as galinhas: ia rematando o Augusto — é preciso leite...

— que vem da vaca... — tornou o pequeno, — e casca de limão, fruto que é também semeado. Agora, pensêmos no açúcar e nas especiarias. Donde vem isto tudo, vamos lá a saber?

O Joaquim apressou-se a responder, tódo importante, com a sua perspicácia.

— O açúcar vêm de terras distantes e só pode cá chegar nos navios.

— Muito bem! Mas calculem vocês, para esses navios navegarem, quantos contrutores, fabricantes de panos para as velas e marinheiros, são precisos! Além disso, engenhos, máquinas, refinadores, confeiteiros...

— Anãosinho, que já estou doido! Para aí! Já não posso assentar mais nada! Temos gente para cima dum milheiro! — gritou, o Henrique, atirando o lápis para longe, assarapantado.

— Ainda não contei tudo — exclamei eu, divertido com a sua aflição.

— Para aí! — Para aí!

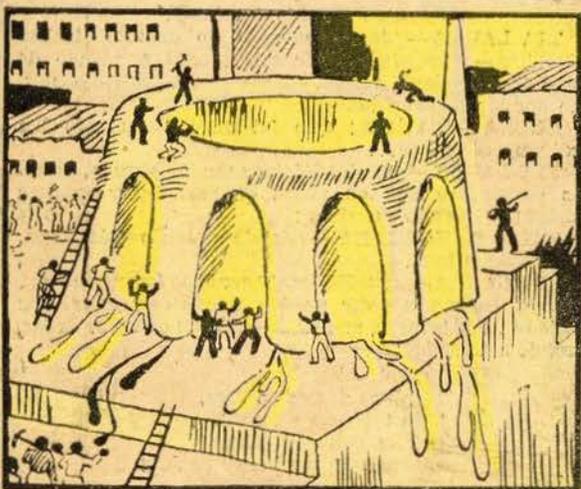
— Não é preciso mais, amigo Anão! — exclamaram os outros tódos, que assistiam ao caso, muito interessados.

— Então, já estão convencidos de que se empregaram muito mais de mil homens para a confecção do pudim?

— Pudera não estarmos! — respondeu o esperto Joaquim.

— Era preciso que fôssemos muito tapados para que não nos convencessemos, depois das explicações do nosso amiguinho Anão Sabichão!

Assim como os meus convidados, parece-me que os meus leitoresinhos ficaram também sabendo que um pudim vulgar se pode chamar monstruoso, pela porção de gente que nêle trabalha. E como eu sei que os meus meninos se finam por guloseimas é bom que se lembrem que para as saborearem, é preciso o esforço de muito trabalho.



■ F I M ■

PALAVRAS CRUZADAS



Solução do número anterior

O CESTINHO DA COSTURA

QUERIDAS ABELHINHAS

Um «napperon», fácil e engraçado, é o motivo do cestinho de costura que hoje vos apresento: — um trabalho próprio para o vosso toucador ou para um presente a uma amiguinha.

Vamos lá a ver como havemos de fazê-lo.

Para se fazer o ponto de recorte, torno a repetir, começa-se por contornar, com ponto adiante, as duas linhas do recorte e passar, ainda outro ponto, entre as duas referidas linhas, fazendo este trabalho com perfeição, pois dele depende muito a boa execução do bordado.

Depois, começa-se, então, a fazer o recorte. Pica-se a agulha na primeira linha, passando-a por debaixo do pano que tem os alinhaves, de modo que este fique em relevo.

Depois faz-se sair pela segunda linha, mas de modo que fique na mesma direcção. Nas extremidades, aperta-se um pouco mais a linha para adelgacar o recorte.

Podem empregar o algodão brilhante «D. M. C.» e a cor é o amarelo-torrado.



O centro é feito em ponto pé de flôr, que estão dentro das asas. As folhas são em verde-escuro e o fruto é em verde sêco. Vossa ABELHA MESTRA

UMA PARTIDA

(Continuado da pagina 3)

HELENA — Ah! (*muito indignada*) Parece impossível! Vou já fazer queixa à tia Laura.

CLARINHA — (*trocando um olhar com Milú*) Pois vai! Julgas por acaso que a tia nos vem ralhar! Olha! — Eu, por mim, já estou a chorar com o grande susto que tenho de que a tia nos venha ralhar! Ah! ah!

MILÚ — (*encorajada pelo olhar da irmã*) E eu também: Ah, Ah, Ah!...

HELENA — (*juriosa*) E demais! Vocês apostaram arreliar-me, com certeza!

CLARINHA — (*escutando à porta*) Lá está ela a fazer queixa. Eu sei que a tia ainda faz troça dela.

CENA II

Uma senhora, dos seus 27 anos escuta Helena que lhe faz queixa.

A cena representa uma sala de costura.

TIA LAURA — (*que acaba de escutar a sobrinha*) E é só por isso que me vieste falar?

HELENA — Sim, minha tia. Pois não acha que já é bastante?

TIA LAURA — (*com ar trocista*) Olha, a grande coisa? Mereceu, realmente, a pena vires tu ter comigo.

HELENA — (*com admiração*) A tia não se vai zangar com elas?!

TIA LAURA — (*sorrindo como quem acaba de ter uma idéa*) Se assim o queres!...

HELENA — (*abraçando-a*) Ah! Sim, querida tia. Eu logo vi que me dava razão.

TIA LAURA — Bem, então vamos lá, (*Sáiem*)

O mesmo aspecto da cena 1.^a

TIA LAURA — (*dando entrada no quarto*) Minhas sobrinhas — (*revestindo-se de solenidade*) A pedido de vossa irmã Helena, venho, em seu nome, pedir-lhes perdão por ter sido tão má.

HELENA — Tia! Tia! Que foi dizer?! Eu não lhe pedi para dizer isso...

TIA LAURA — (*rindo*) Minha grande palerma, julgavas porventura que eu vinha cá para bater nas tuas irmãs?! É feio fazer queixas!

MILÚ E CLARINHA — (*dando palmas*) Vês Lena. É muito bem feito.

TIA LAURA — (*conciliadora*) Agora vão fazer as pazes.. (*Obriga Helena a pedir perdão, o que esta faz de boa vontade*). Vão brincar, andem... — (*Todas de mãos dadas, fazendo uma roda*):

Meninas vamos ao Vira,
Vira torna-te a virar!...
O Vira tem sete voltas,
Outras sete lhe hei-de eu dar!

Cai o pano — FIM

CHARADA COMBINADA

- + ra — Apelido
- + mão — Apelido
- + ta — Apelido
- + odato — Apelido
- + tos — Apelido
- + ço — Apelido
- + to — Apelido
- + ço — Apelido

CONCEITO — Nome próprio e apelido dum grande amigo vosso.

ADIVINHA



Solução do numero anterior; — De braço dado.



PALAVRAS CRUZADAS

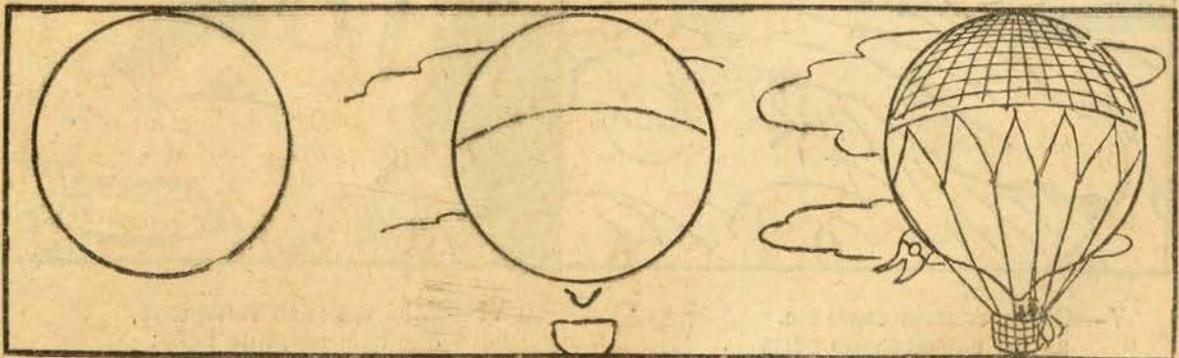
HORISONTAIS:

1.º, Nome de homem; 2.º, Nome de mulher; 3.º, Animal; 4.º, Consoante; 5.º, Mistura de dois gases; 6.º, Uma parte da terra; 7.º, Verbo; 8.º, Ofício; 9.º, Verbo; 10.º, Verbo; 11.º, Consoante; 12.º, Adverbo de lugar.

VERTICAIS:

1.º, Verbo; 2.º, Nome; 3.º, Parte gordurosa do leite; 4.º, Vogal; 5.º, Abreviatura dum nome; 6.º, Ofício; 7.º, Planta; 8.º, Verbo; 9.º, Vogal.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um balão esférico

DOIS DITADOS



I — O mosquito, em seu acôrde,
é grande violinista,
por tal motivo não morde
ao seu semelhante artista.



II — Toca estranha melodia
zumbindo aos nossos ouvidos,
mas morde, mesmo de dia,
aos que não são entendidos.



III — Ora um certo violinista
que ignorava este preceito,
ao ouvir o insecto artista,
quando já estava no leito,



IV — zás... — pregou-lhe uma palmada
e esborrachou-o na face;
sem que à melodia alada,
sua importância ligasse.



V — Qualquer faria como êle,
ao ver um mosquito perto...
Quem não quer ser lobo, a pele
não lhe veste; isto é bem certo.



VI — E há um rifão verdadeiro,
que bem serve de lição:
— «Quem te mandou, sapateiro,
tocar, assim, rabecão?!...»